

FB
ANO MES DIA
68/04/07
PAG.
7º 136

LEVANTAMENTO SITUACAO ATUAL DAS POPULACOES INDIANAS NO BRASIL
CAIXA POSTAL 54097
SÃO PAULO - SP
01000



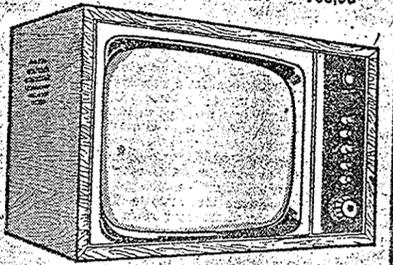
electro-rio + lojas mapi = Electromapi

DESTA UNIÃO QUEM SAI GANHANDO É VOCÊ PELO CRÉDITO DIRETO AO CONSUMIDOR

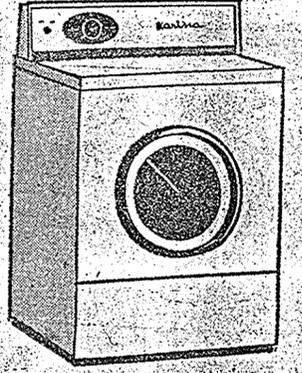
(FINANCIADO PELO GRUPO ATLÂNTICO)

- ★ MENORES PREÇOS
 - ★ MAIORES FACILIDADES
- veja nossos preços e compre OFERTAS A VISTA

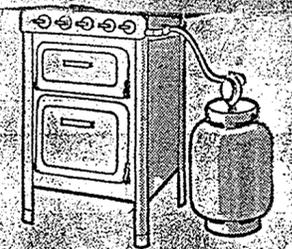
FAQUEIRO WOLF 53/108	51,50
SECADOR CABELOSPAMJET	51,50
ESTABILIZADOR P/TV. TELEVOLT	95,00
MOTOR SINGER	44,50
AUTO-RÁDIO 1 faixa	70,00
MAQ. LAVAR BENDIX KARINA	705,00



TV. ADVANCE 49,90 mensais



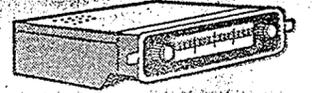
BENDIX Pekina c/ rolo 24,93 mensais
Karim 59,90 mensais



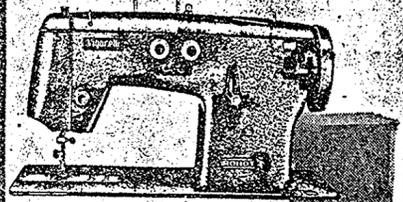
Fogão c/ instalação Gasbrás 14,83 mensais



Bicicletas Monareta
Adulto 14,96 mensais Mirim 9,97 mensais



Rádio Autom. Telespark 11,75 mensais
Rádio Autom. Motorádio 12,20 mensais



Máq. costura Vigorelli 32,45 mensais

Electromapi

MEIER Rua Silva Rabelo, 27 lojas C-D-E
TIJUCA Rua Conde de Bomfim, 264
CENTRO Praça da República, 77
Rua Senhor dos Passos, 54
Av. Henrique Valadares, 59

Índios

PM mineira livra a tribo maxacali de extermínio por alcoolismo e grilagem

Belo Horizonte (Sucursal) — Os maxacalis, índios que habitam o nordeste de Minas, falam uma língua gutural própria e não aceitam a catequese e o cruzamento com outras raças. Depois de serem quase exterminados pelo alcoolismo, estão hoje em fase de recuperação, produzindo para sua própria subsistência, com métodos modernos de agricultura, mas conservando os seus costumes originais primitivos.

Durante muitos anos, sem ter onde trabalhar, com suas terras vendidas pelos funcionários do SPI e não encontrando mais a caça e a pesca, que anteriormente lhes garantia a sobrevivência, os maxacalis viveram de assaltos às fazendas da região. Em represália, os fazendeiros contrataram pistoleiros para exterminá-los e distribuíram agardente, provocando uma situação social de insegurança, a custo contornada pelo policiamento rural da Polícia mineira, que se propôs a realibitar os indígenas adotando política inteiramente diversa do Serviço de Proteção aos Índios.

Auto-suficiência

Em três aldeamentos — Pradinhos, Micael e Água Boa — localizados numa área de pouco mais de três mil hectares, no nordeste de Minas, trezentos índios maxacalis vivem hoje do seu próprio trabalho e cultivo da terra e a criação de gado. Conservando todos os seus costumes primitivos, mas aplicando na agricultura ensinamentos modernos, os índios já produzem para sua sobrevivência e começam a vender seus produtos.

Tratores construíram para eles três açudes, um para cada aldeamento, e ali, os índios já podem pescar, porque o peixamento foi feito no início. Os antigos arrendatários das terras do SPI foram afastados e os indígenas, com o seu território livre dos estranhos e incômodos, ganharam confiança para voltar a trabalhar a terra. De fardas novinhas, os índios trabalham naxada.

A Polícia Militar — que hoje assumiu todo o serviço de assistência aos índios em Minas — levou para eles uniformes que não serviam mais. O fardamento já mudado e as fardas novas, que não podiam ser aproveitadas, foram levadas para os maxacalis. Até Coronéis índios são vistos, tirando leite ou roçando o milho.

As crianças já não têm mais aquela barriga grande, própria de quem está atacado de verme. Os adultos, sem dentes, mas com a boca tratada, ganharam mais disposição. As mulheres aprenderam a costurar e fazer novos pratos, mas utilizam o vasilhame de barro feito por elas mesmas.

Quando os soldados do policiamento rural da Polícia Militar começaram a trabalhar lá, os maxacalis tinham medo de chegar perto das vacas. Eram proibidos pelos funcionários do SPI de se aproximarem do curral. Agora, são excelentes pecuaristas.

Aprenderam a ordenhar, a tratar do gado com carinho. Cada família recebeu sua vaca e fez seu próprio curral. Só a pastagem é comum. Hoje, todos os maxacalis bebem leite, o que desconheciam até sete meses atrás.

Com o couro do gado abatido — passaram a comer carne de vaca há poucos meses — eles fazem artigos de artesanato, são muito habilidosos para os trabalhos manuais e seus laços, selas e bôlsas são os mais procurados na região. Foi organizado uma cooperativa, que compra dos índios a produção, e a vende. O lucro é todo reinvestido nas aldeias.

Mandioca, batata doce, leite, carne e até verduras são hoje prato do dia para os maxacalis. Cada família tem seu lote e ali faz sua roça. Eles já sabem comerciar com os civilizados e entre eles, continuam com o sistema de trocas.

Fome e roubo

Quem coordena toda assistência aos índios é o Capitão Manoel dos Santos Pinheiro, do policiamento rural da Polícia Militar, que está agora como Superintendente da ajuda aos índios de Minas e Bahia. É ele quem conta como foi feito o trabalho com os maxacalis:

— Quando cheguei a região, em outubro do ano passado, os índios estavam completamente abandonados pelo SPI. Sem encontrar em suas terras a caça e a pesca, que antes lhes garantiam a sobrevivência, passaram a viver de assaltos às fazendas da região. Famintos os índios armavam-se de arco e flechas, cercavam durante a noite propriedades e levavam de uma só vez tudo que pudesse ser comido. Suas terras estavam ocupadas por fazendeiros e suas cabeças de gado haviam sido vendidas por funcionários do Governo. As crianças morriam precocemente e os adultos sabiam que poucos dias lhes restavam de vida. Ou morreriam caçados por pistoleiros, contratados pelos fazendeiros para exterminá-los, ou seriam dizimados pela fome e epidemias.

Matando mais que os pistoleiros, a cachaça distribuída proposadamente entre os maxacalis transformava-os. Virava uns contra os outros, provocavam a guerra entre as aldeias e de dez a doze índios morriam por semana, com suas cabeças rachadas por facões e machadinhas. Já alcoolatras, trocavam um saço de feijão, produzido em muitos meses de trabalhos, por uma garrafa de cachaça que era consumida em minutos. Enquanto isso, as índias se prostituíam e as crianças morriam.

A situação social na região era muito grave. Os atritos entre índios e fazendeiros tornavam-se mais sérios a cada dia. O índio roubava para viver. O fazendeiro, em represália, mandava matá-lo e invadia sua terra. O pouco produzido nas aldeias era consumido pelos funcionários do SPI, que ficavam com tudo, sob o pretexto de vender. Os maxacalis haviam perdido o estímulo para o trabalho, pois não viam nenhuma recompensa do seu esforço.

Invasão

— Meu primeiro trabalho, continua o Capitão Pinheiro, foi abrir um inquérito para apurar as responsabilidades, que serão apontadas à comissão de inquérito administrativo, instaurado por ordem do Ministro do Interior. Constatamos que até aquele dia os índios maxacalis só haviam sido explorados e enganados. Os que sobreviviam sofriam nas garras dos civilizados e, principalmente, dos funcionários do SPI. Cada dia os fazendeiros e funcionários ficavam mais ricos e os índios passavam mais fome. A área do posto indígena estava totalmente invadida por fazendeiros.

Os índios, donos das terras, não podiam nem se mover lá dentro. Tudo lhes era proibido. Funcionários do SPI, todos eles, criavam gado próprio nas terras destinadas aos índios e quase todos tinham mais de 50 cabeças de gado. Eram eles que bebiam o leite, faziam os queijos, ganhando dinheiro às custas dos selvagens.

Mais de setenta cabeças de gado haviam sido vendidas, sem contar as de que os funcionários se apossaram ilicitamente. Um engenheiro dos maxacalis faziam rapadura havia sido leiloado. Até o vice-prefeito de Maxacalis tinha comprado uma junta de bois.

Hoje — continua o Capitão —, tudo isto está de volta ao seu lugar. Algumas terras continuam arrendadas, mas é para dar um lucro que

possa ajudar nesta fase difícil. O dinheiro está sendo aplicado lá mesmo, na compra de agasalhos, alimentos, ferramentas e utensílios. Nas minhas inspeções, baseei-me em relatórios antigos, mas só encontrei mentiras e fraudes.

A revolta

O Capitão Pinheiro convocou todos os fazendeiros da região para uma grande reunião em outubro do ano passado. Seu Raimundo, um velho agricultor que mora próximo ao aldeamento dos maxacalis, foi o primeiro a falar: "Nós precisamos acabar com esses índios. Eles roubaram um capado que eu estava engordando há muito tempo, levaram todas as galinhas, deram na roça que nem gafanhoto, não deixaram nada."

Exprimia toda a revolta dos agricultores da região contra os índios maxacalis. O Capitão Pinheiro teve muito trabalho para explicar que os menos culpados de toda aquela situação eram os próprios índios, que os selvagens não tinham onde tirar seu sustento e agiam daquela forma, porque estavam sendo espiados. Todos precisavam ajudar no trabalho de recuperação.

Em pouco tempo, os fazendeiros mudaram de posição e passaram a cooperar. Durante os meses seguintes, mantidos com alimentos e agasalhos fornecidos pelos agricultores. A cachaça foi proibida e quem insistisse em vendê-la aos índios era preso. Até um alto comerciante de Santa Helena, lugarejo na região, e com muita influência política, teve de passar quinze dias fazendo trabalhos forçados no Posto de Polícia.

Os índios que bebiam também eram castigados. Eles comprederam muito rápido o benefício que a medida traria e as próprias mulheres, com medo de apanhar dos maridos bêbados, passaram a denunciá-los. O castigo era ficar cinco dias capinando o terreno do Posto de Polícia. Em dois meses, a aguardente sumiu da região de Maxacalis. Nenhum índio bebe mais.

Cultura primitiva

Numa área de pouco mais de três mil hectares, em três aldeamentos — Pradinhos, Micael e Água Boa — vivem 300 índios, entre homens, mulheres e crianças. Os maxacalis, mesmo cercados por civilizados, mantêm sua cultura primitiva original. Falam o seu próprio idioma, o maxacali, que estudado por antropólogos, não apresentou semelhança com nenhum outro grupo linguístico sul-americano.

Só alguns poucos falam português, mesmo assim muito mal. São os intérpretes. O restante só conversa no seu idioma gutural. Os maxacalis são totêmicos, cultivam uma religião espiritualista e adoram totens, talhados em madeira e levantados no centro da aldeia. Acreditam que, depois de mortos, sobrevivem e espiritualmente nos campos de caça.

Apenas os homens participam dos rituais religiosos. Numa tenda central, só os homens podem entrar e as mulheres são proibidas até de passarem por perto. Dentro da barraca, assentados em círculo, os homens assistem à dança do Pagé, uma invocação dos antepassados. Quando chega a hora da incorporação, todos bebem, comem e saem